



A PRINCESA BRANCA DOS CONTOS DE FADAS E A MULHER NEGRA DA VIDA REAL: UMA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E RAÇA NO CONTO DA CINDERELA.

Renata Cristina Belarmino¹
Larissa Amorim Borges²
Manuela de Souza Magalhães³

Era uma vez uma jovem branca, de olhos claros e cabelo liso que lutou contra uma mulher malvada e resistiu bravamente às desventuras que a vida lhe impôs, como recompensa por seu bom comportamento, resignação e amor ao próximo foi agraciada com o afortunado casamento real e viveu feliz para sempre...

A Bela e a Fera, Branca de Neve, Rapunzel, Bela Adormecida e outras poderiam protagonizar essa história, mas neste momento compartilhamos com vocês, nossos estudos concernentes ao conto da Cinderela sobre a ótica dos valores e normas transmitidos por este. Escolhemos o conto da Cinderela por este ter sido considerado o conto mais lido, aceito e admirado em todo o mundo⁴ e pelo conteúdo correlato a normas e valores apresentados neste.

Pouco se sabe sobre a origem dos contos de fadas, segundo Franz (1990) antigamente os pastores, lenhadores e caçadores, passavam muito tempo de suas vidas sozinhos nas florestas, campos e montanhas.

Originalmente, o conto foi escrito para o público adulto, estes eram contados nos campos, salas de fiar e em diversas reuniões das quais apenas os adultos participavam. Diferentemente do que se poderia pensar, o conto de fada não foi escrito para transmitir ensinamentos morais. Em sua forma original, os textos traziam doses fortes de adultério, incesto, canibalismo e mortes hediondas, segundo registra Cashdan (2000).

Na concepção de Bettelheim (1995), através dos séculos durante os quais os contos de fadas foram recontados, estes se tornaram cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos, comunicando de uma maneira que atinge a mente da criança tanto quanto a do adulto.

¹ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais . Email: renata.evento@gmail.com

² Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

³ Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

⁴ Para o fato de “Borrallheira” ser o mais conhecido de todos os contos de fadas, veja-se Funk and Wagnalls Dictionary of Folklore (Nova York: Funk and Wagnalls, 1950)



Mas, por que estas estórias são transmitidas com tanto potencial de gerações a gerações? O que os contos contam? Quem são os sujeitos presentes nos contos de fadas? Com qual destes sujeitos nos identificamos mais? Cinderelas ou Borracheiras?

Fadas, bruxas, princesas, e príncipes são personagens que além de nos levar ao universo da fantasia, segundo Bettelheim (1995), podem assumir outras funções como a de divertir, informar a criança sobre si mesma e favorecer o desenvolvimento de sua personalidade, informa sobre o mundo, apresenta as relações de poder culturalmente valorizadas e exemplifica os comportamentos socialmente legitimados.

Assim sendo, neste trabalho, voltamos nossa atenção para a temática correlata a gênero e raça no universo literário, de forma a analisar o conto da Cinderela nas versões de: Charles Perrault, irmãos Grimm e Walt Disney.

Segundo Bettelheim (1995), que analisou os contos mais conhecidos, problemas e ansiedades infantis, são colocados nos contos em lugares fora do tempo e do espaço, o fato de o “Era uma vez” e de o “Viveram felizes para sempre” não localizarem o sujeito no tempo-espaço pode ser um fator de suma importância para o sucesso e permanência do conto na psique humana, visto que, o mesmo pode ser vivido por qualquer pessoa em qualquer momento de sua vida ou história.

Por outro lado, quando nos referimos a normas e valores, símbolos e corpos apresentados nos contos, o que vemos é que, ao contrário de muitas perspectivas psicologizantes, o conto pode ser compreendido na sua capacidade de localizar os sujeitos no tempo-espaço, informando e, muitas vezes, prescrevendo o comportamento e a organização de determinadas relações sociais ao longo da história em diferentes culturas.

Na ótica de Camurça e Gouveia (2004), as normas e valores têm um importante papel nas relações de gênero, pois estas determinam o que devemos ou não fazer, separando ‘o que é da mulher’ do ‘o que é de homem’, além de valorizar de forma diferenciada as pessoas, suas ações e sentimentos. Para as autoras, estas normas e valores podem estar presentes nas leis ou ligadas às tradições e costumes.

O que se constata no Conto da Cinderela é a transmissão de valores e normas que prescrevem e dão manutenção a um modelo que organiza, naturaliza e valoriza a hegemonia masculina branca e jovem e economicamente ascendida e ao mesmo tempo inferioriza e subalterniza o papel e lugar do feminino em nossa sociedade.



Identificamos que duas lógicas perpassam a organização de corpos e valores neste: o racismo e o sexismo, ambos mantidos por processos de inferiorização e subordinação social, fundamentados no mito da democracia racial e na Ideologia do branqueamento.⁵

Se compreendermos a lógica racista pela perspectiva do embranquecimento, e a lógica sexista pela dinâmica privatização do corpo e da vida das mulheres é possível fazer uma reflexão sobre o impacto psicossocial que os deslocamentos simbólicos e reais que tal modelo alimentam ou inviabilizam e posteriormente fomentar novas discussões com o objetivo de contextualizar e desnaturalizar os alicerces mantenedores de tais lógicas.

Muitos de nós, leitores e telespectadores, possivelmente já sonhamos com a possibilidade de livramos das cinzas e borralhos e num passe de mágica nos transformar em algum membro da realeza, ascendido socialmente e livre de quaisquer estigmas sociais negativo, mas quem verdadeiramente seria este personagem? Quem é o sujeito social por traz da imagem da Cinderela. Tentamos responder a estas e outras perguntas a partir da análise das versões deste conto por: Charles Perrault, irmãos Grimm e Walt Disney.

Cinderelas, Borralheiras ou Princesas?

Comum às tres versões analisadas do conto, esta o “exteriotipo” de boa moça apresentado pela protagonista. Cinderela é uma jovem mulher branca de mediana estatura, olhos azuis, corpo físico magro, que apesar das maldades que vivencia é alegre, bondosa e com a ajuda de seus amigos animais, vence as adversidades com muita honestidade. As versões analisadas são produções Européias e Estadunidense, mas a lógica presente em todas promove uma discussão sobre gênero e raça que nos revela, entre outros, a produção e reprodução de aspectos psicossociais que organizam os corpos de seus personagens e os valores agregados a eles e às possibilidades / limitações para mobilização e realização.

Em nossa análise foi possível identificar como a materialização dos valores e normas deste conto podem se encontrar como território de expressão e ação no corpo feminino mais especificamente no corpo negro feminino pautando-se na lógica da hierarquização e inferiorização de aspectos raciais e de gênero.

Para Coll (2000, p. 322), “os valores dão sentido, orienta e possibilita a tomada de decisões, além disso, são representações construídas socialmente, condicionantes da percepção e

⁵ Segundo Gomes(2005) e Souza (1983) o Mito da Democracia Racial é a convergência de determinações econômicas, ideológicas, políticas e psíquicas para a naturalização das desigualdades e invisibilidades raciais. Sobre Ideologia do branqueamento (CARONE, 2003, p.16) e BOARINI (2003).



representação subjetiva de mundo”. O autor argumenta que os valores falam de referenciais, que norteiam padrões de conduta desejáveis para a manutenção da paz e do bem estar social.

Coll (2000), ainda define as normas como sendo, prescrições para ação de determinadas maneiras em situações específicas, que regulam o comportamento individual e coletivo, tornando as condutas previsíveis. As normas podem ser sociais (interiorizáveis) ou próprias (subjetivas).

Valores, atitudes e normas estão inter-relacionados e são sensíveis à influência externa, como também ao próprio desenvolvimento integral da pessoa. Partindo da hipótese de que o sistema de valores pode ser social ou pessoal é importante observar a forma como os valores e normas presentes no conto reiteram posturas inferiorizadas relacionadas à raça e ao sexo.

Para Gomes (2004), na sociedade, nos comunicamos por meio do corpo. Um corpo que é construído biologicamente e simbolicamente na cultura e na história. A autora reitera que a antropologia nos mostra que as singularidades culturais são dadas não somente pelas dimensões invisíveis das relações humanas, estas são dadas também, pelas posturas, pelas predisposições, pelos humores e pela manipulação de diferentes partes do corpo, assim entendemos que estamos diante de uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo em que é natural, o corpo é também simbólico,

Este corpo simbólico vai se constituindo através de nossas significações e representações, no conto o corpo vai sendo “marcado” e “delimitado” por uma série de valores que o modelam de forma atender às exigências sociais a sua volta. À Cinderela, foi possível lavar-se de retirar de si a camada cinza que a cobria e a impedia de estar próxima do príncipe. Corpo esguio, pele clara (limpa), roupas de marca, esta é a princesa que foi se encontrar com o príncipe do conto, um corpo transformado que num passe de mágica ascendeu e ocupou um desejado lugar social, o de mulher do príncipe.

Os papéis sociais constituídos a partir das relações de gênero em nossa sociedade têm destinado ainda hoje a mulher ao espaço privado (doméstico) e o homem ao espaço público (político), não foi difícil identificar elementos que reforçavam esta lógica no conto da Cinderela. Neste, a jovem é destinada a executar todas as tarefas da casa e o faz sem nenhuma objeção, já o jovem príncipe é o promotor do mais “badalado” evento do reino e somente ele é quem define quem terá acesso a este ou não.

Camurça & Gouveia (2004), definem Gênero como sendo constituído a partir das ideias produzidas na observação e no conhecimento das diferenças sexuais sobre o que são os homens e o que são as mulheres, a isso elas dão o nome de relações de gênero. As características de gênero são



construções sócio-culturais que variam através da história e se referem aos papéis que a sociedade atribui a cada um do que considera “masculino” ou “feminino”.

Nas três versões analisadas Cinderela lava as roupas, prepara a comida, cuida da limpeza da casa, penteia o cabelo de suas irmãs, alimenta os animais, etc, mas em nenhuma das versões a jovem executa tais atividades demonstrando descontentamento ou objeção. Ao contrário disso, o conto nos leva ao entendimento que tais tarefas fazem parte do que Camurça & Gouveia (2004), vão chamar de “Normas de Gênero”, e tornan-se um potente agente mantenedor da lógica do sexismo na perspectiva da privatização do corpo da mulher.

Os estudos de Scott (1995) contribuem para elucidar que, quando se reflete a respeito dos papéis femininos e masculinos na sociedade, não se está colocando em oposição homens e mulheres, porém aprofundando-se a necessidade de desconstruir a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, na direção de uma igualdade política e social, que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça.

A dinâmica de socialização da mulher é outro ponto importante que informa a construção dos espaços público - privado, uma vez que segue uma lógica de domesticação e não de individuação da mulher, permeada de elementos simbólicos e de internalização de valores (PALMERO, 2001). Esse processo resultará em um modelo, amplamente compartilhado entre homens e mulheres, de mulher passiva e dependente (p.53), sobre o qual recaem as justificativas para a subordinação das mulheres. Cinderela é tida como uma “boa” moça, “prendada”, “dócil” e “obediente”. Nas versões analisadas, a jovem tem como espaço social o ambiente estritamente doméstico.

A possibilidade de ascensão e mobilidade social para Cinderela acontece com o casamento, é depois deste que a jovem transita, ainda que de uma forma muito limitada e subordinada ao controle masculino, do espaço privado/doméstico para o público/social.

O que o conto nos transmite é que a hegemonia, ou seja, a supremacia do acesso masculino ao espaço público e o domínio deste no que diz respeito a participação feminina deve ser mantido, o corpo feminino – ingênuo e dócil – é apresentado sob um aspecto de bondade que nos remete à necessidade de aceitação, assimilação e adequação destes valores em nossas ações e comportamentos.

Conforme exposto por Magalhães (2007) o conto reitera que a “regulação do espaço na dinâmica das relações público - privado se materializa no fato de que a mulher possui um lugar no âmbito privado-doméstico, mas não dispõe de nenhum que lhe seja próprio”.



O conflito racial

Ao observar o racismo pela perspectiva do branqueamento, podemos pensar que num primeiro momento, o branqueamento podia ser entendido como resultado da intensa miscigenação entre negros e brancos desde o período colonial, mas não obstante o branqueamento não poderia deixar de ser entendido também como uma “pressão cultural exercida pela hegemonia branca” (Carone & Bento, 2002, p 14).

Para Gomes (2008), o conflito racial em todas as suas expressões é um conflito de poder e ancorado no mito da democracia racial, que tem como palco, meio e objeto o corpo negro e suas relações sociais.

No conto, a questão racial que envolvia Cinderela era determinante da ascensão ou exclusão social desta. Para transformar-se em princesa, Cinderela lavou-se e somente assim se apresentou ao príncipe, as cinzas que compunham sua pele negra pôde ser retirada, o que a deixou branca e nobre.

Santos (2004), entende que o nome Cinderela faz alusão a alguém que vivi entre as cinzas, coberto por estas que escureciam sua pele e isso de alguma forma a rebaixava frente às outras mulheres. As possibilidades de mobilidade para as mulheres do conto estão diretamente ligadas a adequação de seus corpos a um modelo embranquecido dentro das medidas e do padrão apresentado.

Domingues (2002) argumenta que o branqueamento moral e/ou social está fundamentado na aquisição ou assimilação pelo negro de atitudes e comportamentos presumivelmente “positivos” do branco. O conto, envolto de toda magia que lhe permeia, nos apresenta uma mulher passiva, ingênua, boa e branca, que se comportava exatamente como o esperado e desejado em sua sociedade. Tal comportamento reitera o lugar da mulher no interior de sua casa e a idéia do sujeito racial ideal e desejado como o branco.

Lopes H. T. (1999), articula determinados fatos, ações e colocações dito científicas que reiteram a inferiorização racial do negro no Brasil como as teorias de Lombroso, situando o negro como criminoso nato e como degenerado, adotadas por Nina Rodrigues e depois por Gilberto Freire. Segundo a autora, estas e outras colocações levaram à teoria do embranquecimento e ao ditado popular: “mulher negra é para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar”.

Cinderela, a mulher negra coberta de cinzas, cumpriu com riqueza de valores, as funções domésticas atribuídas a ela, mas foi a mulher branca livre das cinzas quem tornou-se a princesa após casar-se com o príncipe.



Prado & Machado (2008), discutem que a lógica da relação dialética interna às hierarquias sociais se mantém com a colaboração de vários discursos, entre este o científico, o religioso e o cultural responsáveis pela transformação de um conjunto de valores e experiências pessoais em uma noção de cultura universal.

A valorização da cultura branca no conto ressalta as maravilhas de livrar-se das cinzas e ou dos pés grandes, pois tal ação possibilita o acesso ao universo social desejado.

Para Castro (1992), as categorias raça, gênero e geração têm em comum serem atributos (baseados em relações sociais) com significados, histórias, políticas, culturais e econômicas, organizados por hierarquias, privilégios e desigualdades, amparados por símbolos particulares e ‘naturalizados’, para esta a combinação destas categorias não é uma simples operação de somas de discriminações, mas a naturalização da lógica hegemônica que as mantém impede o surgimento de sujeitos políticos conscientes e contextualizados.

Assim sendo, baseando-se na observação da importância simbólica e objetiva do conto de fada, reiteramos a necessidade de se politizar a discussão em volta da lógica racista na perspectiva da ideologia do branqueamento e da lógica sexista na perspectiva da privatização dos corpos femininos, transmitida pelas literaturas infantis enfatizando a necessidade de se buscar elementos científicos que nos possibilitem um maior diálogo correlato da importância da identificação e da desnaturalização destes elementos, pois somente assim estas literaturas poderiam concluir-se com “*Viveram felizes... quem sabe até ...para sempre*”.

Considerações finais

Assumir, de forma autônoma, a identidade de mulher e negra não tem sido uma tarefa fácil, mas percebo-a a cada dia mais necessária e urgente. O curso de Psicologia, mais especificamente a perspectiva da Psicologia Social me proporcionaram o espaço reflexivo para o entendimento e apropriação de tais questões, de forma que a conclusão e o diálogo oriundos deste trabalho em muito evidenciam o avanço e a preocupação de mais e mais pesquisadores no que se refere à desnaturalização dos elementos que ainda hoje alimentam e mantêm práticas preconceituosas e discriminatórias.

A análise das três versões do conto possibilitou a identificação e contextualização das lógicas, racista e sexista, isso se torna de fundamental importância para a Psicologia como ciência e para a Psicologia Social como ferramenta propulsora no ofício de desnaturalizar e politizar a forma como as relações sociais de desigualdade se formam e são reproduzidas na sociedade.



Com este estudo, entendemos que os contos de fada podem ser produtores de diásporas corporais naturalizadas e impeditivos dos deslocamentos subjetivos e políticos vivenciadas pelas mulheres negras no processo de construção da sua singular e diversa identidade negra. Deste modo, ao contextualizar a leitura do conto foi possível desconstruir e desnaturalizar valores e normas “pré” estabelecidos e, a partir daí é construir novos valores, potencializar novas discussões, elaborar e assimilar um novo conhecimento, ressignificar a questão e protagonizar a ação.

Acreditamos que esta pesquisa se torna uma porta para a construção de outras correlatas ao tema, após a análise dos dados obtidos neste trabalho, nos questionamos quais os impactos conscientes e inconscientes deste sujeito “Cinderela” na identidade de uma mulher negra? Quais os impactos sociais e quais as influências deste sujeito na construção identitária das mulheres? Como contextualizar, desnaturalizar e politizar a lógica sexista e racista presente nos contos de fadas nos posicionando como profissionais da Psicologia comprometidos com nossa sociedade.

Acreditamos também que a resposta a estas questões alcançam o que Martin Baró chama do “*quefazer*” do psicólogo e seu papel de busca da desalienação das pessoas e grupos, como caminho para a conquista de um saber crítico sobre si mesmas e sobre a própria realidade que vivenciam. Ao assumir a conscientização como horizonte do “*quefazer*” profissional, reconhece-se a necessária centralização da Psicologia no âmbito do pessoal, mas não como terreno oposto ou alheio ao social, mas como seu correlato dialético e, portanto, incompreensível sem a sua referência constitutiva.

Bibliografia

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 366p.
- CAMURÇA, Silva; GOUVEIA Taciana. **O que é Gênero** 4. ed. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2004. 40p.
- CARONE, I. ; BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CASHDAN, Sheldon. **'Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas'**. Rio de Janeiro: Campos 2000.
- CASTRO, Mary Garcia. **Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos**. Revista Estudos Feministas, v.10, p. 57-74, 1992.
- CHARLOT, Bernard, (2000). **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artemed. 97p.



CINDERELA. Direção: Wilfred Jackson, Clyde Geromini e Hamilton Luske. EUA: Walt Disney films, 1950. 1 DVD (75min.), color. legendado.

DOMINGUES, Petrônio . **Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo (1915-1930)**. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n. 3, p. 563-599, 2002.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A Interpretação dos Contos de Fada**. 3ª ed. Trad. Maria Elci Spaccaquerque Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990. p. 240.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz - corpo e cabelo como símbolos da identidade negra** - 2a edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. v. 01. 373 p.

GRIMM, Jacob. **Contos de Grimm**. Belo Horizonte: Vila Rica, 1994. 595p.

LOPES, H. T. **Mulher negra, mitos e sexualidade no Brasil**. In: VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, 1999, Rio de Janeiro. Anais do VII Congresso Brasileiro de Sexualidade humana - VI Forum do Mestrado de Sexologia da UGF, 1999.

MACHADO, Sonia Porto. **Sobre Fantasias e Contos de Fadas**, disponível em: <http://www.liberato.com.br/upload/arquivos/0131010716060516.pdf> - acessado 05/10/2009 às 20hs.

MAGALHAES, M.S. **A relação Público - Privado como articuladora do princípio de cidadania em movimentos de mulheres trabalhadoras rurais**. Texto completo apresentado no Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica, Belo Horizonte, 2007.

MARTIN-BARÓ, I. (1997). **O papel do Psicólogo**. *Estudos de Psicologia* (Natal) vol.2 n.1. Jan-jun 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000100002&script=sci_arttext&tlng=pt – acessado em: 10/10/2009 às 15hs.

PALMERO, Maria José Guerra. (2001) **Teoría Feminista Contemporânea**. Madrid: Editorial Complutense.

PERRAULT, Charles. **Contos de Andersen, Grimm e Perrault**. Ed Girasol. São Paulo. 2005.233p.

PRADO, M.A.M. & MACHADO, F.V. (2008). **Preconceito, invisibilidades e manutenção das hierarquias sociais**. IN: Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. Cap.4. pp.67-82. São Paulo: Cortez.

SALVADOR, César Coll et all. **Psicologia do Ensino**. São Paulo: Artmed, 2000. p. 322-329.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Mulher Negra Homem Branco**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004 95p.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. **A mulher negra brasileira**. www.africaeaficanidades.com - acessado em: 10/10/2009 às 17hs.

SCOTT, J. (1995). **O Enigma da Igualdade**. *Revista Estudos Feministas*. Vol.13. N.1. Florianópolis, Jan-Abri. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100002 acessado em: 10/11/2009 às 15hs.



BOARINI, Maria Lúcia - "**Higiene e Raça como Projetos:** Higienismo e Eugenismo no Brasil" editado pela Editora da Universidade Estadual de Maringá (EDUEM) , 2003

GOMES, Nilma Lino. **Educação Anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.